





COLEÇÃO CLARABOIA



Como e porque
sou romancista



Como e porque
sou romancista
JOSÉ DE ALENCAR

© Moinhos, 2017.

Edição:

Camila Araujo & Nathan Matos

Revisão:

Suellen Lima

Diagramação e Projeto Gráfico:

LiteraturaBr Editorial

Capa:

LiteraturaBr Editorial

Edição 1, Belo Horizonte, 2017.

Nesta edição, respeitou-se o
Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A368c

Alencar, José de | Como e porque sou romancista | Coleção Claraboia

ISBN 978-85-92579-38-8

CDD B869.4

Índices para catálogo sistemático

1. Ensaaios Brasileiros 2. Literatura Brasileira 3. Como e porque sou romancista
4. José de Alencar I. Título

Belo Horizonte:

Editora Moinhos

2017 | 60 p.; 21 cm.

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Moinhos

Rua João Antônio Cardoso, 46

Ouro Preto — Belo Horizonte

editoramoinhos.com.br

editoramoinhos@gmail.com

COMO E PORQUE SOU ROMANCISTA



Apresentação

José Martiniano de Alencar Junior nasceu em Messejana, hoje distrito de Fortaleza, capital do Ceará, em 1 de maio de 1829. Filho do padre e mais tarde senador José Martiniano de Alencar e de Ana Josefina de Alencar, mudou-se ainda jovem para o Rio de Janeiro, onde viveu até a sua morte, em 12 de dezembro de 1877. Formou-se em Direito, tendo estudado em São Paulo e Olinda. Além de advogado, Alencar exerceu as funções de deputado, ministro e conselheiro de Estado.

No âmbito literário, José de Alencar foi, ao lado de Machado de Assis, o mais importante escritor brasileiro do século XIX. Cronista, poeta, dramaturgo, jornalista, crítico e, sobretudo, romancista, ele atuou literariamente por mais de vinte anos, produzindo as mais importantes obras do período. Iniciou a carreira no *Correio Mercantil*, em 1854, escrevendo as crônicas da série “Ao correr da pena”, cuja boa repercussão o levou, no ano seguinte, à direção de outro grande jornal da época, o *Diário do Rio Janeiro*. Foi em suas páginas que Alencar publicou, em 1856, as “Cartas sobre *A Confederação dos Tamoios*”, conjunto de ensaios críticos, nos quais dissecava o tão aguardado poema épico de Gonçalves de Magalhães, dando início à célebre polêmica da qual participou o próprio imperador Pedro II, além de outros importantes intelectuais da época, como Manuel

de Araújo Porto-Alegre. Ainda no *Diário*, ele imprimiu os seus três primeiros romances: *Cinco minutos* (1856), *O guarani* (1857) e *Viuvinha* (1857), este incompleto.

Apesar do sucesso inicial, especialmente com *O guarani*, Alencar migraria para o teatro, escrevendo e encenando quatro peças em sequência, entre 1857 e 1858: *Rio de Janeiro, verso e reverso*, *O demônio familiar*, *O crédito* e *As asas de um anjo*. Se com a segunda peça ele se transformaria em um dramaturgo bem-sucedido, foi com a quarta que o escritor se envolveu em mais uma polêmica: motivada por denúncias de imoralidade, a polícia retirou o espetáculo de cena após a terceira apresentação. No *Diário do Rio de Janeiro*, do qual ainda era diretor, Alencar tentou se defender, mas sem conseguir reverter o decreto policial. Desiludido, ele ameaçou sair de cena, o que faria em 1860, mas não sem antes levar aos palcos mais um drama, intitulado *Mãe*. Ainda escreveria mais duas obras teatrais, *Expição* e *O jesuíta*; entretanto, apenas a segunda subiria aos palcos, em 1875, e seria o mote de sua última polêmica, como mencionarei adiante.

Após a curta carreira teatral, Alencar retornaria ao romance, com a conclusão em livro de *Viuvinha*, em 1860. No decorrer da década, mesmo assumindo a sua primeira legislatura como deputado geral, ele se dedicaria com afincamento à escrita ficcional, num surto criativo que o consagraria como o principal romancista da época, ao lançar *Lucíola* (1862), *Diva* (1864), *Iracema* (1865) e *As minas de prata* (1865-66), cujas duas primeiras partes já tinham sido publicadas em 1862.

Entretanto, mais uma vez o autor de *Senhora* interromperia sua produção literária, dessa vez em favor da carreira administrativa, quando foi chamado a ocupar o cargo de Ministro dos Negócios da Justiça no gabinete conservador de 16 de julho de 1868, cuja presidência coube então a Joaquim José Rodrigues Torres, o Visconde de Itaboraí. Ao contrário do que ocorrera durante os trabalhos legislativos como deputado, a pasta ministerial parece ter de fato tomado integralmente o seu tempo, a ponto de mantê-lo afastado

de qualquer outra atividade. Ainda assim, o escritor cearense tentou uma candidatura à vaga no Senado. Eleito em primeiro lugar em uma lista sêxtupla pela província do Ceará, Alencar acabou sendo preterido por Pedro II, a quem cabia definir em última instância as eleições senatoriais. Depois de quase dois anos no cargo, Alencar, contrariado pela atitude do imperador, renunciou ao ministério e retornou definitivamente à arena literária em 1870.

Essa segunda fase da literatura alencariana marcaria o que, para muitos críticos, corresponderia a um período mais agudo e crítico de sua obra. Araripe Junior, por exemplo, creditava essa mudança à contrariedade política. Para ele, o criador ridendo de obras com *O guarani* e *Minas de prata* transformara-se no sombrio autor de *O gaúcho* (1870) e *Til* (1872), narrativas em que se manifestariam o desencanto e o despeito de um homem amargurado pelo fim de um sonho, o de se tornar senador do império, como tinha sido o seu velho pai. A sátira, que até então só se mostrava em sua dramaturgia, apareceu com toda força em alguns de seus romances, como *O garatuja* (1873) e *Guerra dos Mascates* (1873-74), e de modo enviesado em outros, como *A pata da gazela* (1870) e *Tronco do Ipê* (1871). É nesse período que Alencar adotaria o pseudônimo Sênio, assumindo, ironicamente, o que ele mesmo chamou de sua “velhice literária”.

O que Alencar não podia prever era que o seu retorno ao universo literário seria tão atribulado quanto a sua passagem pelo ministério, que a sua “velhice” não lhe daria o descanso que normalmente um escritor consegue quando alcança a consagração. Já em 1871, o romancista cearense Franklin Távora iniciaria dura campanha contra a obra alencariana no jornal *Questões do dia*, de propriedade do português José Feliciano de Castilho, especialmente contra *O gaúcho* e *Iracema*. Praticamente vinte anos depois, Alencar se viu em situação semelhante àquela por ele mesmo instaurada quando desconstruiu o poema de Gonçalves de Magalhães, embora, em nenhum momento da polêmica de 1856, o autor de *Iracema* tivesse demonstrado a

mesma virulência crítica expressada por Távora. E tal como o poeta fluminense, Alencar não respondeu diretamente às críticas do autor de *O cabeloira*: ele só vai fazê-lo, sem mencionar nomes, no famoso prefácio ao romance *Sonhos d'ouro* (1872), intitulado “Bênção paterna”. É nele que o autor aproveita para refletir sobre o conjunto de sua obra dentro do panorama da literatura brasileira produzida até então, organizando-a em fases e dando-lhe um sentido histórico, no qual cada romance de sua autoria teria contribuído para o desenvolvimento do acervo literário nacional.

E como se isso não bastasse, em 1875, no ano em que ele publicaria os seus dois últimos livros, *Senhora* e *O sertanejo*, Alencar enfrentou mais uma polêmica, dessa vez com o jovem intelectual Joaquim Nabuco. Após um comentário crítico à peça *O jesuíta*, feito por Nabuco em *O Globo*, Alencar reagiria nas páginas do mesmo jornal, dando início a um intenso debate que durou aproximadamente dois meses e que acabou extrapolando o âmbito tanto da peça (Nabuco fez um balanço de quase toda a obra de Alencar) quanto da polidez, pois em vários momentos os ânimos se acirraram.

“Como e porque sou romancista” é um texto desse período atribuído de sua existência literária. Escrito em 1873 em forma de carta, ele só foi publicado postumamente pelo seu filho, Mário de Alencar, em 1893. Embora o título sugira, e o próprio autor o defina como uma “autobiografia literária”, o texto não deixa de apresentar certos posicionamentos com respeito aos dilemas enfrentados por Alencar em todas as esferas de sua vida pública. Pode-se dizer que “Como e porque sou romancista” é o testemunho contundente de um homem de letras de seu tempo, ponderando sobre as condições específicas de produção intelectual no Brasil da segunda metade do século XIX. Narrar o processo de formação do escritor desde a instrução elementar, passando pelas bancadas acadêmicas de São Paulo e Olinda, até a consagração como um dos mais importantes autores do catálogo da editora Garnier, permitiu a Alencar destacar aspectos que vão